DESVENCILHAR O VALOR: DA LITERATURA AOS ESTUDOS CULTURAIS

Raúl Antelo

Caberia pensar que, se a função da literatura comparada (na dialética do local-cosmopolita de Candido, na leitura do interstício tópico de Tânia Carvalhal, ou do intervalo crônico de João Alexandre Barbosa, para citarmos apenas alguns exemplos) é, na verdade, dar conta da identidade periférica como típica intriga da formação latino-americana (esse seria, a rigor, o grande relato da literatura latino-americana da modernização, de Alencar ou Euclides a Mário de Andrade ou Darcy Ribeiro) a tendência do evento contemporâneo, incompleto e fragmentário, consiste, entretanto, numa estratégia dúplice, de espacialização do tempo em direção ao passado mas, simultaneamente, de atualização do global em sua virtualidade. A ambivalência da avaliação, controlada na modernidade por parâmetros universais, flexibiliza-se agora se considerarmos não mais a Obra e sua Formação, mas o Resto e sua Genealogia. Desse fenômeno decorre uma lógica problemática, que vem substituir os modelos dilemáticos da modernidade. Enquanto as lógicas do registro nacional (tupy or not tupy) são dilemáticas entre o nacional e o internacional e ativam, em última análise, lógicas européias que fundam a lei (mesmo que essa lei seja dialética), a lógica do estatuto transnacional é trilemática. (Tomo o conceito de Nicolás Rosa, coincidente, aliás, com a questão do pós-poema que, como diria Murilo Mendes, é a de ser e não ser.) Isto supõe, de fato, a tensão entre o nacional e o internacional, porém, essa tensão é, ela mesma, atravessada pela própria operação migratória de signos e sujeitos. Se a tensão dialética entre o local e o cosmopolita singulariza uma posição "nacional", o desvio pós-utópico não cessa de proliferar avaliações parciais que, justamente, fragmentam esse valor universal, modernista [...]. Fragmentam-no em inúmeras transliterações e transcrições, não apenas de uma língua a outra mas de uma língua a ela mesma como aliás previra Borges com suas duas maneiras de traduzir; mas fragmentando também em transcrições e transcrições de um artefato cultural a um dispositivo estético. É aí que mora o perigo e é esse, a meu ver, o tema polêmico que se abre a nossa consideração no biênio que hoje inauguramos. Três são, portanto, as ações que marcaram os momentos precedentes: inserir, narrar, conciliar. A do quarto momento talvez seja desvencilhar, desembaraçar o

valor de toda identificação com a totalidade mesmo que o corolário seja uma perturbadora escritura do desastre. A literatura como escritura diferida ou, mais especificamente, a literatura comparada como institucionalização de um saber sobre a diferença, ao desterritorializar e indefinir os limites da própria prática semiótica que pretendia definir nos coloca em peculiar paradoxo, o das probabilidades infinitas: dizer o sim, dizer o não, dizer o sim e o não ao mesmo tempo.

(Fragmento do discurso de posse da diretoria da ABRALIC, proferido em novembro de 1996.)